

PIEIDADE CRISTÃ E REFORMISMO ECONÓMICO NA ACÇÃO PASTORAL DE FREI MANUEL DO CENÁCULO

[Texto Publicado: *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular Sociabilidades Representações Espiritualidades*, Lisboa, Terramar- Centro de História da Cultura, 1999, pp. 371- 392.]

Francisco António Lourenço Vaz

As elites ilustradas de Portugal, em resposta aos avanços da incredulidade e das correntes deístas, insistiram, na segunda metade do século XVIII, na necessidade de reformar as instituições e a sociedade, apontando a instrução como caminho a seguir. Neste domínio o bispo de Beja teve papel decisivo, enquanto homem do círculo de poder pombalino, com uma intervenção muito activa nas reformas de ensino, nomeadamente na reforma da Universidade de Coimbra e redigindo diversos textos em defesa da religião revelada. O mesmo sentido notamos nas preocupações apostólicas de D. Frei Manuel do Cenáculo, quer enquanto bispo de Beja quer posteriormente como arcebispo de Évora. Com efeito, entre elas sobressaem as questões da instrução: a formação de um clero de “raro zelo” e a catequização dos diocesanos. Importa, por isso, ver como durante o episcopado e no campo das realizações concretas se fizeram sentir estas preocupações reformistas em matéria social e económica.

Para instruir o clero estabeleceu todo um programa de estudos desde o estado de ordinandos, até a um programa de formação contínua para os clérigos de todos os níveis. Para os restantes diocesanos, o povo desse Alentejo profundo que ele bem conheceu, o sinónimo de instrução foi o catecismo. Num e noutro caso a instrução é a base do reformismo. No primeiro, porque a formação de uma elite ilustrada se repercute no bem estar da comunidade, a segunda porque o bom costume é indispensável à aplicação ao trabalho e portanto fonte de riqueza para o Estado. Estas ideias obedecem genericamente ao pensamento económico de António Genovesi, um autor de quem conheceu a obra filosófica e que recomendou no plano de estudos para Terceira ordem e para o estudo da

Metafísica¹. Com efeito também o abade napolitano defendeu em diversos textos, nomeadamente nas *Lezioni di Comercio*, a necessidade de uma formação do clero, como classe dirigente, mesmo em matéria de ensino agrícola, ou do comércio e até elogiou os governantes portugueses pela promoção do ensino do catecismo, pois também o entendia como a base do bom costume, ou seja da virtude, que sempre considerou como a causa necessária para o desenvolvimento económico².

Trata-se de visões tradicionalistas ou adaptadas à realidade de economias pré-industriais? É a este problema que tentamos responder com uma análise ao reformismo económico e social na obra do bispo de Beja. Para isso começemos pelas suas ideias neste domínio, para em seguida ver as linhas mestras do reformismo presentes na sua acção pastoral como Bispo de Beja.

1 – A piedade cristã fundamento para valorizar o trabalho, dignificar o comércio e a agricultura.

Como já reconheceu Jacques Marcadé, seria um esforço vão procurar na extensa obra bibliográfica do Bispo de Beja textos onde se exprimam, com precisão, teorias económicas e opções definidas nesta matéria. À semelhança do reformismo dos países católicos e especialmente ibérico, as obras que redigiu neste e noutros domínios adquirem um cunho prático e interventivo: destinam-se a ser úteis para delinear projectos

¹ - « A Suma, de que usarão os Estudantes, que frequentarem a Cadeira da Religião Revelada, será a Obra Provas da Religião por Mr. François, ou pelos Elementos de Metafísica de Genuense tom. 3», *Disposição segunda* (port. latim , p. 29 . *Patente sobre a reforma dos estudos da Província*(datada de 13 de Junho de 1769. Nas citações que fazemos actualizamos a ortografia mantendo apenas o original nos títulos das obras.

² - Escreveu Genovesi: « *La Corte di Portogallo ha obligato tutti i Sacerdoti regolari ad aiutare i Parrochi nel Catechismo. E affine che la disciplina fosse unisona (perché niente più rovina il costume, quanto la diversità de' Catechismi) ha fatto tradurre il Catechismo Francese di Francesco Pouget Padre del Oratorio, chiamato più volgarmente il Catechismo di Colbert, e di Mompelier, e prescrittolo come regola generale a tutti gli educatori Cristiani. I Portoghesi prendon tutte le vie per essere la più savia delle Nazioni Europee*». Genovesi, *Lezioni di Commercio*, Veneza, Remondini, 1769, part. II, p. 127. Sobre o significado ético e político do catecismo para a ilustração portuguesa do século XVIII, consulte-se José Esteves PEREIRA, *O pensamento Político em Portugal no Século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989. Veja-se, também, o nosso estudo « O catecismo no discurso da ilustração portuguesa do século XVIII», *Revista Cultura História e Teoria das Ideias*, vol. X, 1998, pp. 217-240.

para melhorar a realidade social. Se compararmos a acção do bispo bejense com a de Pedro Campomanes e salvaguardadas as diferenças inerentes às funções desempenhadas, as semelhanças no plano das ideias, sobretudo este sentido reformista, são evidentes. Com efeito num e noutro a instrução é a chave para proceder às reformas, mantendo sempre a estrutura social e política vigente, ou seja num quadro de absolutismo esclarecido e da sociedade de ordens³. Na ilustração católica este cariz operativo do conhecimento aplica-se a situações diversas, desde o campo da formação do clero, em que a leitura de textos de exegetas ou teólogos se combina com a dos naturalistas, até ao combate à superstição e à persistência de formas mágicas entre as camadas populares.

A falta de teorização económica na obra de Cenáculo, não quer dizer que também no domínio social e económico, não se tenha interessado pelas principais novidades. Assim no texto sobre o Estado das ciências e artes na Europa, são referidos os progressos da navegação e do comércio, sendo este último definido como : « *a comunicação que os homens fazem entre si das produções das suas terras, e da sua indústria, sobre necessidades reais, ou de opinião*». ⁴ Do texto ressalta a compreensão da complementaridade entre as actividades económicas e a sua necessidade para o bem estar da sociedade. Refere a história do comércio, ou o seu incremento ao longo dos tempos. Citando Savary, faz uma boa leitura da conjuntura de meados do século XVIII e que podemos considerar coincidente com os princípios da escola mercantil, até porque elogia Colbert, por ter sabido procurar adiantar « *os interesses da sua Nação*»⁵. O caso francês é aliás considerado modelar para as outras nações e outros reformadores gauleses são elogiados. Tudo para concluir pela utilidade do comércio e possibilidades que ele traz para bem estar das sociedades: « *Em fim com a Reforma das Artes conheceu-se a importância do Comércio, e tem-se cultivado felizmente para utilidade, e para*

³ - Consulte-se: Concepción de CASTRO, *Campomanes. Estado e reformismo ilustrado*, Madrid. Alianza Editorial, 1996. Tal como outros ilustrados e nomeadamente a Cenáculo, relativamente ao poder : « *Los interessaba la accion racionalizadora del Estado convertida en agente de cambio, no la reflexion sobre el poder, que seguiría siendo lo dado*». (Ob. cit. p.215). E, quanto à economia, o mesmo sentido operativo ou de intervenção reformista: « *Pero la economia le atrajo siempre, no como al economista teórico que nunca fue, sino como el politico interesado en impulsar el progreso de su pais*» (Idem, p.258).

⁴ - *Apendice primeiro sobre a Reforma das Letras na Europa*, in *Disposição quarta do Superior Provincial da Terceira Ordem de S. Francisco*, Lisboa, 17 ? , p. 90.

⁵ - Ob. cit., p. 92.

exemplo».⁶

O tema central nas instruções pastorais do bispo de Beja é a defesa da religião revelada. Assim o exigiam os tempos que na Europa eram de revolução e de propagação de «falsas ideias». Contudo não é apenas este sentido apologético que notamos nesta insistência. O nosso reformador vai mais longe e é possível detectar nos textos a ideia que só a religião revelada é útil para o bem estar da sociedade. Na *Instrução pastoral sobre as virtudes da Ordem Natural* (1785), fundamentando-se em Santo Agostinho e insistindo no papel catequético dos párocos como curadores e pastores do povo retrata o homem instruído e crente como o cidadão perfeito⁷. Se, por diversas vezes, as suas palavras documentam a necessária obediência no quadro de uma monarquia absoluta revelam-nos também a ideia da utilidade da religião. O homem crente será amigo dos outros homens, pacífico e trabalhador, gozando as comodidades da vida e mesmo aumentando continuamente a sua honra ou bom nome. É esta necessidade de regra ou leme seguro, em período de “temporal de ideias, que aponta como solução e caminho seguro para melhoria da condição material dos homens. Por outro lado, em complemento deste sentido ético, as virtudes que o católico aprende com a religião revelada trarão também a aplicação nas tarefas e trabalhos.

O combate ao ócio e a racionalização da vida baseiam-se nos ensinamentos do catecismo, que por sua vez se baseia no Evangelho. Para este “ascetismo secular” torna-se indispensável eliminar os exageros nas formas exteriores da piedade: nos rituais e festas e, em contrapartida insistir na religião interiorizada, vivida e fundamentada na palavra de Deus e prática dos sacramentos. O catecismo, como dissemos, é a cartilha ou regra do povo e adquire papel fundamental. Mas a ideia em Frei Manuel do Cenáculo vai mais longe como nos diz: «*O catecismo pode estender-se a todas as relações do homem, pois*

⁶ - Idem, p. 93.

⁷ « *Então os Povos respirando ar puro tem harmonia: reduz-se os seus Ofícios: cumpre as vocações da Providencia: nem já por ser e querer outra cousa do que deve, erra seus passos, nem faz errar os outros. Então considera a criatura ser em suas vocações o homem justo que Deus pretende, ser grato à virtude, que o ensina e dá honestidade. Solta-se assim das licenças que faz tomar engano e a miséria, porque bem educado não sabe santificar o vício. A causa pessoal, a causa publica, a harmonia entre seus semelhantes: a decência e comodidade inocente da vida, a honra, e seu bom nome são azas, que o levam bem animado ao serviço público, á glória da Sociedade, ao beneficio do outro homem: e sobre tudo á aceitação Divina, que deseja, e para que trabalha e vive.*». Ob. cit. p. 58-59.

é alma de tudo quanto a criatura racional pode obrar virtuosamente. Com ele se espiritualizam as materialidades em que o homem se exercita referindo-se a Deus, à virtude, e ao bem pessoal e do próximo com quem vive combinado toda a variedade de acontecimentos»⁸.

Este sentido ético reforça-se com a dimensão social e o âmbito da doutrina, que o prelado atribui à missão dos catequistas. Com efeito, entende que o ensino não se dirige apenas às crianças, mas a todos os membros da comunidade e que respeita aos comportamentos e atitudes dos homens em geral. Isso mesmo sublinhará numa “Saudação aos diocesanos” (1790): *« porque não entendemos por catecismo somente o que pertence às perguntas simples dos meninos mas tudo o que respeita à doutrina da Religião, costumes, e disciplina»⁹*. Entrando no domínio da didáctica admite que o ensino pode ser gradual e os que o ministram de diversas categorias. Os pais, *«as pessoas de um ou de outro sexo e ainda os meninos adiantados »¹⁰* estão aptos a fornecer um ensino de repetição, ou seja, fazer com que as crianças memorizem as palavras dos Mistérios. Mas é sobretudo aos catequistas que dirige indicações ou instruções precisas. Exaltando a sua função indica as qualidades humanas que devem possuir: *«Os catequistas devem possuir a necessária virtude de saber dobrar-se aos tempos, lugares e as propensões e capacidades de seus ouvintes. Devem ser tudo para todos: sofredores, mansos: não haja mãe na ordem natural que os exceda nas caricias para introduzir luz, e calor em seus clientes»¹¹*. Os catequistas, além das capacidades intelectuais apontadas, devem seguir uma pedagogia, que tenha na virtude e amor os principais fundamentos do ensino; este deve ser simples, claro e despejado de todas as controvérsias e discursos, em conformidade com o nível etário e social dos ouvintes¹². Em questões de didáctica e pedagogia, em consonância com o seu papel no reformismo pombalino, o relevo vai por inteiro para a ideia de método, como caminho mais curto para uma boa aprendizagem e

⁸ - *Instrução pastoral do Excelentissimo e Reverendissimo Bispo de Beja sobre o catecismo*, Lisboa, na Officina Typographica, 1786, p. 5.

⁹ - *Saudação Pastoral do Excelentissimo, E Reverendissimo Bispo de Beja a seus diocesanos*, Lisboa, Officina Typographica, 1790, p. 4-5. Sublinhado nosso.

¹⁰ - Ob. cit. p. 28.

¹¹ - Idem, p. 33.

também como sinónimo de clareza e simplicidade¹³. Determinações que estão em perfeita sintonia com a insistência em matéria pedagógica no método « *sintético e compendiário* », como a determinação indispensável para o progresso dos estudos¹⁴.

Delineados os parâmetros sobre o ensino , e para ficarmos com o quadro completo, vejamos que manuais aconselhava o bispo bejense nesta matéria. Anote-se que o prelado além de aconselhar os seus párocos lhe enviava, juntamente com as pastorais, as obras e, entre outras, boas « *provisões de catecismos* »¹⁵. Em matéria de manuais, além do já tradicional do Concílio Tridentino, a sua preferência vai para o *Catecismo de Montpellier*, como o referiu textualmente numa outra carta pastoral, datada de 1790.¹⁶

O catecismo de Montpellier, da autoria do oratoriano François Aimé Pouget (1666-1723), a quem o bispo Colbert entregou a direcção do seminário da diocese e encarregou de redigir um novo catecismo, foi publicado pela primeira vez em Paris, em 1702 e surge num contexto caracterizado pela profusão e diversidade de edições de catecismos em França. Com efeito a partir de 1660 multiplicaram-se os catecismos diocesanos: os bispos recém-nomeados substituíam o catecismo do seu predecessor, sobretudo se ele era de uma tendência oposta. Em matéria de religião confrontavam-se as tendências jansenistas e os anti-jansenistas. Os jansenistas apelavam a uma liturgia mais autêntica, mais próxima dos crentes, mais participada e, por isso, ao uso da língua nacional nos textos e

¹² - « *Sua oração seja branda, simples, e repetida para maior clareza e inteligência com aceitação, e despejada de controvérsias. Seja lisa sem tropeços de estranhas cousas, e de futilidades. Seja pura e ajustada às capacidades e estado dos ouvintes* ». Idem, p. 35.

¹³ - Consulte-se sobre o conceito de método e sua importância no reformismo pombalino Pedro CALAFATE, *O conceito de natureza no discurso iluminista do século XVIII em Portugal*, Dissertação de doutoramento em filosofia apresentada à Faculdade de Letras, Lisboa, 1991, pp. 105 e ss.

¹⁴ - Veja-se , a este propósito o nosso estudo *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII- Bento José de Sousa Farinha*, Dissertação de Mestrado apresentada à U.N.L, Lisboa, 1992.

¹⁵ - *Saudação pastoral do Excelentissimo, e reverendissimo Bispo de Beja a seus diocesanos*, Lisboa, Officina Typographica, 1790, p. 26. No fim o prelado enumera as obras que acompanham esta pastoral e que documentam bem a sua insistência na formação do clero: *Catecismo evangélico* (explicação dos evangelhos), *Actos dos Apóstolos* « *para conhecerem os povos a formação da Igreja católica* » (idem, ibidem), *Formulário para as preces* « *que se hão-de fazer no fim das Estações* », *Catecismos* « *nova provisão* », *Devocionário* « *em que se acham as orações, e actos de virtude que os católicos são obrigados a praticar* », *Salmos e Reflexão sobre a oração Dominical*.

¹⁶ - Idem, p. 8.

mesmo nos ritos¹⁷. Havia nos jansenistas a preocupação de dar ao povo o conhecimento das verdades da fé e de difundir a leitura da Bíblia, a que apelavam nos textos pastorais. Ao contrário os anti-jansenistas insistiam numa religião mais ritualizada, segundo as tradicionais formas e usando o latim¹⁸.

A obra de Pouget inscreve-se na linha jansenista e teve grande sucesso em França em virtude das suas qualidades pedagógicas¹⁹. Em 1731 contava já trinta edições que originaram forte polémica entre jansenistas e anti-jansenistas²⁰. Era nos ensinamentos sobre a graça que as duas correntes se opunham sistematicamente. Ao teocentrismo dos catecismos jansenistas, de inspiração agustiniana, que indicavam como principal dever do cristão dar glória a Deus durante a vida, opunham os anti-jansenistas a insistência em apontar detalhadamente os deveres do cristão: o que devia fazer para obter a salvação, em que devia acreditar, o que devia observar e praticar. Enfim os primeiros insistiam na graça como dom divino, não importando a forma mas o conteúdo, os segundos na culpa e deveres do cristão, para obter a graça no quadro da igreja e segundo as suas normas e rituais. Em Portugal o *Catecismo de Montpellier* teve também grande sucesso editorial, a partir 1765, data em que, segundo Inocêncio da Silva, foi traduzido por D. João Cosme da Cunha (1715-1783) e publicado, após censura feita pelo próprio Frei Manuel do Cenáculo, e até finais do século XIX sucederam-se as edições e traduções portuguesas, que apesar de não serem literais respeitam o título da obra de Pouget.²¹

¹⁷ - « ..les curés jansenistes ou jansenisants, a un moment où la liturgie de la messe était totalement fermée aux fidèles, prétendent que le peuple doit suivre la messe et le canon en langue vulgaire, parce que, disent-ils, les laïcs qui assistent à la messe, sacrifient avec le prêtre». Elisabeth GERMAIN, *Jesus Christ dans les catéchismes. Étude historique*, Paris, Desclée, 1986, Cit., p. 78.

¹⁸ - Não pretendemos desenvolver aqui as divergências entre jansenistas e anti-jansenistas ou em matéria filosófica entre os lógicos de Port Royal e o molinismo veja-se a este propósito : Irénée CARRÉ, *Les pédagogues de port-Royal. Histoire des petites écoles*, Geneve, 1971; e Esteves PEREIRA, ob. Cit. p. 398.

¹⁹ - Sobre o grande catecismo de Montpellier escreve MARCADÉ (1978): « *Le livre de François Aimé Pouget était une véritable somme des connaissances théologiques de l'époque; seules les qualités pédagogiques de l'auteur le rendaient accessible.*». Ob. cit. p. 342,

²⁰ - GERMAIN, Ob. Cit. p. 79.

²¹ - O tradutor da obra de Pouget, D. João Cosme da Cunha (1715-1783), foi Cónego regular de Santo Agostinho, com o nome de D. João de Nossa Senhora da Porta, Doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, Bispo de Leiria em 1746, Arcebispo de Évora em 1760, Conselheiro de Estado e Regedor das Justiças, Presidente da Real Mesa Censória em 1768, Comissário Geral da Bula de Cruzada, Inquisidor Geral em 1770 e Cardeal da Igreja nesse mesmo ano. Consta que

O outro meio para obter a verdadeira piedade cristã, segundo o pensamento do bispo de Beja, é a pratica dos sacramentos e o culto ao Santíssimo Sacramento . A dificuldade em impor nas populações o respeito à eucaristia, é evidente e delas deu conta o reformismo tridentino, insistindo no dogma e pedindo colaboração ao poder nesse sentido. Tais dificuldades podem radicar em motivos psicológicos, como a necessidade de abstracção, dada a ausência de imagem como noutros cultos e em sua substituição o recurso a formas concretas e bem conhecida dos indivíduos, por fazerem parte do seu quotidiano: o pão e o vinho. Já Marc Bloch anotou está dificuldade de abstracção e necessidade constante de imagem para a estrutura mental do indivíduo das sociedades pré-industriais. Na segunda metade do século XVIII a questão do dogma eucarístico estava na ordem do dia. Foi preocupação dos filósofos, que reflectiram sobre a transubstanciação eucarística, tentando encontrar uma explicação científica para o fenómeno. Dadas as dificuldades, os ilustrados católicos, como demonstra Teodoro de Almeida ou Bento Farinha, insistirão na necessidade de separar as águas: existia o fenómeno natural, explicado pelas leis naturais e existia o milagre, que essas mesmas leis não explicam, mas que só a fé compreende.

A questão dogmática preocupou também o poder, que por diversas vezes teve de intervir para castigar sacrílegos através do tribunal da Inquisição. Um caso que ocorreu na vila de Palmela logo no inicio do episcopado de Frei Manuel do Cenáculo, demonstra bem como o culto do Santíssimo Sacramento era questão política em finais do século XVIII. Em pastoral datada de 1779 o bispo transcreve o *Aviso da Rainha* ordenando, como forma de expiação dos actos sacrílegos cometidos na igreja paroquial de São João Baptista de Palmela, « *se façam três dias de Preces Sucessivas, e no ultimo deles uma Solene*

possuía uma biblioteca com mais de onze mil volumes. Era filho do quarto Conde de São Vicente. Como nos diz Inocêncio: « *Foi ele quem traduziu o Catecismo de Montpellier, que se imprimiu em Lisboa por Miguel Monescal da Costa, em 1765, em 8º, 4 tomos. – É o que se vê da censura feita ao dito catecismo por Fr. Manuel do Cenáculo, por ordem do ordinário que existia ms. no Convento de Jesus, est. 8, n.º 57»* (*Dicionário bibliográfico português*, tomo X, 229). O título com que saiu esta versão portuguesa: « *Instrucções geraes em fôrma de catecismo, publicadas por ordem do bispo da diocese de montpellier, Carlos Joaquim Colbert, e traduzidas em portuguez para uso dos reinos e dominios de Portugal* » (ob. cit, ibidem). É bom precisar que foi feita em França uma versão latina da obra de Pouge, que era constituída por dois volumosos in-fólio de 1002 e 954 páginas respectivamente. A tradução portuguesa do “grande catecismo”, apresenta-se em 4 volumes de formato oitavo, totalizando 1323 páginas. Com o titulo genérico de *Catecismo de Montpellier*, encontramos nos ficheiros da Biblioteca Nacional de Lisboa 16

Procissão de Desagravo do Santíssimo Sacramento»²². O sacrilégio fora cometido por desordeiros que, precisava o aviso real, « *depois de roubarem o Santíssimo Sacramento, deixaram espalhadas muitas das Sagradas Formas, com outros Sacrilégios pelos quais a Divina Majestade foi enormissimamente ofendida*»²³.

O bispo precisa os dias das preces e procissão de desagravo, com o Santíssimo exposto, para os dias 30, 31 de Maio e 1 de Junho e concedeu 40 dias de indulgência « *a todas as pessoas que a elas assistirem*»²⁴. Muitos outros textos revelam a consonância entre a acção pastoral e do bispo com o poder para incentivar este culto como uma das bases indispensáveis para o bom cristão²⁵. Este é um aspecto fulcral para uma religião vivida e pedra de toque para racionalizar a vida dos homens e fomentar o ascetismo secular que vimos referindo. Catecismo e frequência dos Sacramentos, em especial a confissão e comunhão constituem os alicerces para formar o bom cidadão o homem trabalhador e portanto, as bases da prosperidade nacional.

A historiografia tem de forma genérica interpretado este “espírito do cristianismo” em que o bispo insiste nas suas pastorais, como um obstáculo comportamental ao desenvolvimento económico e ao nascimento do capitalismo. Partindo do estudo pioneiro e já clássico de Max Weber apontaram-se comportamentos diferenciados entre os católicos e protestantes, sobretudo das igrejas presbiterianas. De forma lapidar a situação resumir-se-ia no ditado popular: «*ou se come bem ou se dorme bem*» a que acrescentou o sociólogo alemão que « *No caso presente o protestante prefere comer bem, enquanto o católico prefere dormir descansado*»²⁶. Insistindo que no passado a situação tivesse sido diferente e que a « *alegria mundana* » não era característica das igrejas reformadas, Weber acabou, contudo, por admitir que os católicos continuaram a dispor de um « *bom*

edições, com a primeira no Porto, em 1769 e a última em 1884, também no Porto. Existem contudo várias edições em Lisboa e Coimbra. Veja-se MARCADÉ, ob. cit., p. 342.

²² - Biblioteca Pública de Évora, Cod. (Carta Pastoral) *A todos os nossos dioceanos saude*, Fl.45-47 Beja, 28.5.1779 (cópias no mesmo códice datadas de 28 e 30 de Maio de 1779: fl. 49-54v)

²³ - Ob. cit. Fl. 45.

²⁴ - Ob. cit. Fl. 45V.

²⁵ - *Instrucção pastoral do Excellentissimo E Reverendissimo Bispo de Beja sobre as graças, e jubileos novamente concedidos ás instancias da Rainha Nossa Senhora D. Maria I. Venerando-se, e celebrando-se a memoria da instituição do Augustissimo Sacramento da Eucaristia*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno de MDCCLXXXIV 1784

²⁶ - Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Lisboa, Presença, 1996, p. 31.

travesseiro» para dormir: a sua possibilidade de escape periódico através da confissão, ao contrário dos puritanos que entregues á sua inteira liberdade de interpretação da palavra divina e à sua condição de eleitos, encontraram na aplicação a profissão e actividade temporal as formas ideais para glorificar o Criador, estando assim imbuídos do verdadeiro espírito capitalista.

Não pretendendo refutar Weber e apesar das criticas recentes dos que se questionam sobre o espirito capitalista dos japoneses ou dos coreanos, não deixamos de constatar que a ideia de profissão como vocação, está documentada nos textos pastorais do Bispo de Beja e em especial num dirigindo a todos os fiéis da diocese, a ***Instrução pastoral sobre a confiança na Divina Providencia*** (1786), onde em diversas passagens surge esse principio²⁷. Vamos por partes, dado que o texto nos parece de vital importância para o tema deste trabalho, porque, por um lado, é onde melhor se expressam as ideias de Cenáculo, relativamente ao conhecimento científico e, por outro, relativamente ao pensamento económico. Com efeito considera a natureza sujeita a leis fixas e cabe ao homem conhecê-las, exprimindo deste modo uma perfeita adesão ao sistema newtoniano. Quanto ao pensamento económico, recusa a passividade e abandono à vontade da Providencia, para salientar a obrigação do trabalho. Refutando os partidários da filosofia de Epicuro, em especial o seu publicista Lucrécio, que só esperam o agradável, entende que Deus é o Criador e Conservador da Natureza²⁸ e espera que os homens correspondam com agradecimento e compreensão. Primeiro das leis que regem o mundo, que se conformam a à sua vontade²⁹. Depois resignadamente: « *Donde resulta que sobre as felicidades, e incomodidades da vida, temos uma Divindade Suprema, a cuja Providência devemos agradecimento, pelo qual reconhecamos quanto nos acontecer de prosperidade. Também lhe devemos resignação, e humilde confiança para nos conformar com os males físicos, e solicitarmos graças de nos contentar*»³⁰. O encadeamento das causas e efeitos só Deus as pode compreender plenamente. Perante as situações adversas a disposição

²⁷ - O título completo da obra é: ***Instrução pastoral do Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja sobre a confiança na Divina Providencia***, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1786.

²⁸ - « *Creador, e Conservador vivo, de relações imensas, e entendidas*», ob. cit., p. 9.

²⁹ - « *Para ser-nos sensível de algum modo a economia deste mundo, se tem comparado ao relógio, pois, sem desordem nos movimentos essenciais, outros há nele, que podem muito bem alterar-se*», Idem, p. 10.

³⁰ - Idem, ob. cit. P. 13.

básica deve ser a virtude: o homem não deve deixar de pensar com a razão, usando da Filosofia, nem deixar de ser religioso. A filosofia mostra que a economia da Providência não é a mesma do homem: « *Ar pervertido: Sol invejoso de nossas fortunas; chuvas erradas: pastos fugidios: enfermidades lentas: e tudo falta, porque falta a medida, e representação de tudo, moeda, e crédito...*»³¹. A culpa não é dos astros, nem de Deus, mas do homem que não soube usar convenientemente as suas capacidades, que não foi providente ou não trabalhou.

A exaltação do trabalho agrícola e das potencialidades moralistas que contém, e que enforma todo o agrarismo dos clássicos até aos memorialistas, transparece nas suas palavras: « *O entendimento o adverte, que trilhe a Terra, conhecendo-a, e aproveitando-a: que estude as possibilidades da Terra, que foram dadas para exercício de toda a sorte de homens, pois bem hão-de parecer Curio, e Fabricio, não só triunfando pelas armas, mas passando das vitórias a dispor a sementeira, e a honrar suas mãos, e seu arado na abertura da Terra, e pagando-lhe as ervas, que ela criará, pondo-as em sua mesa frugal, e delas se alimentando, Heu prisca pietas!*»³².

É neste contexto que condena os abusos, nomeadamente o luxo, quando é factor de ócio, ou de moleza do corpo e alma,³³ mas não condenando o luxo na sua totalidade até porque « *Asseio, e civilidade são louváveis*». O que refuta é o « *sistema de luxo desproporcionado, e assim mesmo constante, e quotidiano, enfraquece o valente vigor do espirito, para nem entender as sólidas profundezas da sobriedade*»³⁴. Nestes casos deve ser regulado, pois « *faz vicio, e fome, e torna os homens indigentes*». A fome assenta nesta inércia produzida pelo luxo e na propensão do homem para a ociosidade.

O antídoto contra a fome é o trabalho, que também é uma vocação e caminho para a virtude: « *A fome, e sede não são fados invariáveis: o trabalho He meio seguro de os mudar para boa sorte*»³⁵. Devem assim procurar-se meios de cansar a preguiça e de levar

³¹ - Idem, p. 17.

³² - idem, p. 18-19.

³³ - « *Ó se o luxo desmedido, e inconsiderado desse por uma vez lugar a sobejarem os bens primeiros, e necessários , pelo desuso de cousas, que nem todos, nem sempre, nem talvez em demasia deveriam praticar*». Ob. cit. , p. 19.

³⁴ - Ob. cit. P. 19.

³⁵ - Ob. cit. P. 20.

força ao cérebro dos homens, procurando uma polícia que combata a ociosidade³⁶. Como se deduz procurar através do conhecimento e da acção política meios para a prosperidade dos cidadãos em nada contraria a vontade divina, antes pelo contrário esse é o meio de lhe corresponder.

Ainda no mesmo texto, retoma o tema do trabalho como forma de glorificar a Deus, em especial a cultura das terras e seu povoamento por colonos, pois as fadigas do homem correspondem a vontade de Deus: « *Na verdade a Providencia espera que eles se afadiguem, volvendo a cadeia que prende Céu, e Terra, e lhes pôs nas mãos para estudarem os tempos, as virtudes vegetais, a força das minas, a virtude genital da Terra mãe, compensando os erros das estações, e as faltas de uns meios por outros arbítrios, de sorte que o homem seja sempre posto em acção, pois o descanso é só dado a restituir a actividade. Úteis Escolas são as que ensinam estes pensamentos para gozarem os homens do mundo favorável, o que não será achando-se desprezadas. O homem ha de ocupar-se: este é seu destino: se não o fizer com virtudes de Cidadão, gastar-se-ha no vicio, no ócio, afrontoso, na enfermidade enfadonha, na demanda devoradora, em roer-se no trabalho das paixões, na angustia cruel da fome, e sede, nas fermentações domesticas, e contratempos de animo. Quem deixará de escolher antes o trabalho da virtude, e louvor?»³⁷. A analogia com o pão nosso de cada dia, está sempre presente mas também a de considerar o trabalho como vocação ou chamamento divino: « *O Ceu nos dá o pão nosso de cada dia. Com tudo nosso braço é também que o faz chamar nosso sendo fruto do nosso trabalho, dos nossos arbítrios, e da nossa inteligência com os outros homens, com Astros e Elementos. O pão nosso será como for a nossa industria. Se aplicarmos braço fraco, ou mal conduzido, tal será o nosso pão. Se nossa diligencia é**

³⁶ - « *Esta Policia afroxa a corrupção, pondo imaginativa, pensamentos, alma, e corpo dos homens em mil exercícios de indústria (...) e felizmente aquela policia os põe no caminho de serem úteis a si, aos outros, á Pátria, com superioridade a qualquer inércia de ruína. E quando os particulares falham cabe aos governantes usar de meios para o bem estar, através do comércio: « Então se aplanam os caminhos de correrem com abundância os géneros, e de expedirem com calor, e acertados cálculos quaisquer permutações, sendo bem considerada a incomparável valia deste arbítrio, e o de haver em abundância, e a tempo, ouro, e prata para a sua conservação legitima, e proveitosa em Agricultura, e Fabricas: Então as Companhias Comerciantes, e os estudos Físicos em toda a sua extensão, e sinceridade, encaminhados ao Bem Público, trabalham sistemas bem assentados, e meios de servir a Divina Providência, que deve ser estudada e correspondida»*, Ob. cit, p. 21.

³⁷ - Idem, p. 23.

reduzida, e mesquinha, como será quotidiano o pão nosso? Ha de ser de instantes e angústia. O Supremo Provisor quer nosso trabalho: o trabalho é vocação. Se a esta faltamos, desdizemos de sua rectissima vontade. Os preguiçosos faltando a este pacto, desobrigam o Omnipotente, e sofrem»³⁸.

O trabalho é assim base da prosperidade das famílias e da sociedade civil. Refutando as expectativas de soluções miraculosas, pois as leis da natureza são «leis fixas, e imudáveis» e esta ordem da Natureza é a vontade do mesmo Deus, para ele a atitude do cristão é cumprir a sua «Profissão Cristã» e depois rezar a Deus, que lhe dará comida abundante a tempo oportuno»³⁹. A fundamentar estas ideias Frei Manuel do Cenáculo socorre-se sobretudo da Bíblia, mas também de Santo Agostinho. O recurso à Sagrada Escritura, quer a textos do Antigo Testamento quer ao Evangelho é constante nos seus escritos, aproximando as suas ideias das de Fenelon e Bossuet, autores que enformam o seu pensamento político. A regra de vida que aponta para os diocesanos é a palavra de Deus que coerentemente também dirige o seu pensamento e ideias em todos os domínios. O seu diário demonstra essa coerência, pois nele regista com pormenor meticuloso as leituras bíblicas que diariamente fazia.⁴⁰

A ideia de trabalho de Frei Manuel do Cenáculo está em sintonia com a sua concepção de natureza, igualmente bem documentada nas suas palavras e que genericamente consideramos característica da fisicoteologia ou da Teologia natural. O seu pensamento nesta domínio está próximo dos sistemas defendidos pelos platónicos de Cambridge: Derham, Ralph Cudwort e Henry More⁴¹. Referimo-nos especificamente a ideia de que o

³⁸ - Ob. cit. 24. Sublinhado nosso.

³⁹ - Idem, p. 31.

⁴⁰ - Muitas vezes como se vê no Diário feitas ao acaso, fazendo pensar que procurava a vontade de Deus, ou a luz de Deus para esse dia. Veja-se: BPE, Cód. CXXIX/1-19 (Diário fl. 2 a 21v- Ano de 1785:« No Sab. 21(de Maio) celebrei ordens ma minha capela, (...) Conferi tonsura a um clérigo do Bispado, a dois Franciscanos, e um Dominico; Menores aos mesmos três Religiosos; e a dois seculares: Subd^a. aos mesmos cinco e a quatro clérigos mas seculares: Diácono a dois Dominicos; e Presbítero a outro Dominico(..). Acabadas as Ordenações fui a Sé orar a Deus Nosso Senhor e S. Sisnando pelo bom sucesso da jornada em Acção de Graças. Sorte neste Sab. Ecclesiastici cap. 37 a v. 12 seg., Sorte na 3^a f^a. 24 de Maio Psalm...»(fl. 2). Continua a um ritmo quase diário a anotar as suas leituras bíblicas:« Sorte neste dia 1^o do ano(1786) Josué cap. 24»(14v).

⁴¹ - Acerca da ideia de natureza nos platónicos de Cambridge, consulte-se: Clarence J. GLACKEN, *Huellas en la playa de Rodas. Naturaleza y cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del siglo XVIII*, Barcelona, Ediciones Serbal, 1996.

homem é encarado como a nata da criação, ou o seu topo e tem o dever de aprender com a natureza, estudar as suas leis para mais facilmente as compreender e inclusive controlá-las para seu benefício. Além de pressupor o domínio do homem sobre a natureza, este é também o aperfeiçoador da natureza. Esta ideia que é defendida por Henry More, é na realidade um passo em frente relativamente à ideia tradicional de que o homem completava a criação, que era o espelho da perfeição divina⁴². Atribui-se agora ao homem uma participação, ou intervenção benéfica na natureza, possivelmente através da selecção vegetal e animal, no melhoramento da vida. Trata-se de um sentido mais utilitário, um sentido que podemos considerar de uma ecologia humanista: o homem continua no topo da criação e tem o dever não só de conservar a natureza mas até de a aperfeiçoar. Deste modo a ciência em nada contraria a religião, antes pelo contrário é o meio indispensável para essa missão.

Continuando tributário dos ensinamentos de Santo Agostinho⁴³, defende que só os vícios, ou como diz os «interesses desmedidos», contrariam a ordem natural e explicam o castigo divino. Por isso critica a usura e até a prática do monopólio é considerada viciosa: « *O Céu por este modo mostra, que não dá os frutos para cubiças avarentas, para empregos viciosos, e desordenados, nem para gemer o pobre á vista da abundância fechada. Como se pôde merecer a Providencia benigna, sendo suas graças vendidas com vexação, com muita má fé nos contratos, e suas liberalidades postas à usura ilícita, e àquela usura, que só a força pode emendar?*»⁴⁴ Mas os ofícios ou qualquer forma de ganhar honestamente a vida, incluindo o comércio, são meios legítimos e nos quais o homem deve colocar toda a sua aplicação para tornar a natureza benigna, ou por outras palavras para alcançar o fim da miséria da fome e ter prosperidade.⁴⁵

⁴² - Anote-se nas palavras de Henry More, na obra *Antídoto contra o ateísmo* (1652): « ..o homem parece ter sido trazido para o mundo com o propósito de que o resto da Criação possa ser melhorada até à sua mais alta utilidade e mais alto proveito». In ob. cit. p. 366.

⁴³ - Sobre a influência de Santo Agostinho basta referir que, em praticamente todos os textos de *Cenáculo*, é citado e nalguns por diversas vezes.

⁴⁴ - *Pastoral...*, p. 29.

⁴⁵ - « *Pode-se na verdade confiar, que de todos os bens gozaremos pelos desempenhos da ordem Natural, e da Vida Cristã. (...). A Natureza pelos meios da sua ordem, na agricultura promovida, no desterro da ociosidade pelo exercício das Artes, e no Comércio, e quaisquer outros usos lícitos de granjear a vida*»(33).

2. A formação de uma elite ilustrada: um clero de raro zelo

O povo trabalhador precisa de pastores à altura. Pastores que saibam do seu ofício, que dirijam o povo para o bom caminho. Este bom caminho, como dissemos, é o do bem ser e do bem estar. Um e outro estão intimamente relacionados e interligados nas ideias do bispo de Beja. Para ele não pode haver bem estar sem bem ser e vice-versa. Em nossa opinião está aqui a chave da sua insistência na formação do clero. Também neste campo parece ter interiorizado os ensinamentos evangélicos: *vós sois o sal do mundo*. Num dos primeiros textos que escreveu sobre a instrução dos ordinandos precisa, em concordância com a reforma tridentina, o principal objectivo da formação dos futuros clérigos: « *entrar no Santuário com a dignidade, que lhe deve ser própria, e familiar; e com que Nós ardentemente os desejamos condecorados*». ⁴⁶ Uma das primeiras condições que estipula para esse objectivo é a selecção rigorosa e exigente dos candidatos ao sacerdócio. Reconhecendo que os privilégios e situação económica desafogada podem ser razões determinantes para atrair muitos ao ministério, aponta toda um conjunto de princípios para essa selecção. Princípios que mandou publicitar, certamente com a ideia de trazer o maior número de candidatos possíveis. O primeiro pode considerar-se de ordem ética: só serve aquele que tem uma vida religiosa irrepreensível. Para isso todos os candidatos deverão ter uma certidão do pároco atestando « *que frequentam os sacramentos: que vestem modestamente com proporção ao estado clerical, segundo o louvável uso em que temos a nossa diocese: E que tem boa reputação nas paróquias* » ⁴⁷.

Mas não basta o atestado de bom costume é também necessária a formação científica de base: bom domínio de latim, do Grego e retórica e conhecimento rigoroso dos ritos e cerimónias. Formação gradual atendendo aos diversos estadios que se exigem para o sacerdócio, ou seja: os ordenando devem comprovar ter adquirido os conhecimentos necessários em cada grau « *E não somente uma singela atestação, mas com advertência,*

⁴⁶ - Biblioteca pública de Évora, COD. CXXVIII/2-4, *Pastorais, provisões editais do bispo de Beja, Determinação sobre a continuação dos Estudos Eclesiásticos no Bispado de Beja* datado de Beja, 22 de Junho de 1777, fl. 2.

⁴⁷ - Idem, *Instrucção para os exames dos ordenandos, que se hão de abrir no dia de quinta feira 4 de Setembro*, datado de Beja, 11 de Julho de 1777, fl. 4.

*em facto publico, de que sabem praticar decentemente as cerimonia»*⁴⁸. Neste conjunto de exigências para exame dos candidatos ao sacerdócio o bispo bejense revela também o seu sentido pedagógico, dando a entender que os examinadores deve usar de psicologia para saber levar pelo dialogo os jovens: Os examinadores usarão de prudência « *havendo respeito ás capacidades dos Examinandos; e ás aptidões para aprenderem o mais que lhe faltar. Devem ajudar os pusilânimes e não intimidá-los; Mas antes animá-los, auxiliando-os para responderem, assegurando-os se acaso se perturbarem, e louvando as boas respostas»*⁴⁹.

Uma última nota para constatar que neste conjunto de disposições para os ordinandos a base para um conhecimento científico são os livros. O tema dos livros e das bibliotecas é um dos mais caros e também constantes na obra do bispo e por isso não podia deixar de ser referido neste seu objectivo de ter um clero sábio e de raro zelo. Neste campo defende que os ordinandos tenham os livros exigidos para cada grau e uma familiaridade com os livros e biblioteca: « *Os ordinandos serão distribuídos por semanas nas horas livres para irem ajudar o Bibliotecário, e familiariza-se com os livros»*⁵⁰. Mas que conhecimentos científicos estipula Frei Manuel para os seus Pastores? Se usarmos a metáfora da construção de uma casa diríamos que os alicerces da formação de um pastor são os ensinamentos evangélicos, a imitação de Cristo, a compreensão dos seus ensinamentos e dos Apóstolos. Neste magistério encontra o bispo de Beja a conjugação perfeita entre a autoridade e o exemplo bem como um recurso continuo à observação.⁵¹

Entre os muitos textos que escreveu sobre esta matéria o que nos parece mais significativo, sobretudo para as ideias económicas e para compreender uma filosofia social que pretendia inculcar nos seus padres, é a *Instrução pastoral sobre os estudos Fysicos do clero*,(1786)⁵². Definindo estudo físico como sendo o « *das matérias que compreende a História Natural*», vai demonstrar a proposição de que ele não contraria o espirito eclesiástico: « *Que no Clero assenta necessária e admiravelmente o estudo*

⁴⁸ - Ob. cit., fl. 5v.

⁴⁹ - Ob. cit., fl. 5v.

⁵⁰ - Ob. cit., p. 3.

⁵¹ - As parábolas, o recurso à natureza nos ensinamentos evangélicos são por ele citados, como exemplo de sã filosofia. Cfr. P. 42.

⁵² - *Instrução pastoral do Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja sobre os estudos Fysicos do seu clero*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, , 1786.

físico». O argumento principal é a utilidade desse estudo, primeiro porque o estudo das obras de Deus (ou da Natureza) permite conhecer melhor o Criador e depois porque o eclesiástico instruído sobre a natureza pode ajudar os povos rústicos, quer a combater a superstição, quer no próprio trabalho agrícola.⁵³Fala mesmo de que os «*lucros cessantes pela ignorância calada do eclesiástico*» se transformarão em «*continuadas utilidades*». O clérigo com o seu saber dará luz aos povos «*para melhorarem suas fortunas*». Em conexão com as ideias que compete ao homem tornar a natureza propícia e contra a expectativa do milagre, atribui ao pároco um papel dirigente neste objectivo de usar os conhecimentos para, por exemplo, melhorar a produção e conseguir mais bem estar para a comunidade, pois assim ele saberá como pode ajudar-se a «*natureza por arbítrios: para que as virtudes das plantas sejam desembaraçadas do que as enfraquece, ou inutiliza; e para que a mão de obra seja favorecida por engenhosas máquinas. São virtudes tais arbítrios; tiram ócio; alegam desconsolados, amparam famílias. Quem mais autorizado nos povos fomentará estes bens, se o Eclesiástico não é?*»⁵⁴.

O clérigo deve ter conhecimento natural e colocá-lo ao serviço da comunidade. A sua autoridade aumentará com este papel activo na vida económica da paróquia e sobretudo como conselheiro dos camponeses, fomentador da inovação e das novas técnicas agrícolas. Para conseguir este papel interventivo deve ser um observador atento da natureza, por exemplo, «*.. se ele buscar com atenção curiosa, e instruída e examinar nas plantas e nas flores seu préstimo, e a maneira da sua fermentação, e logo a subida alegre para fora da terra mãe*»⁵⁵. Observação e estudo que em complemento com o próprio trabalho manual constituirão o melhor antídoto contra a ociosidade fonte dos vícios. Em defesa do trabalho Cenáculo entende mesmo que o eclesiástico pode exercer qualquer actividade , pode fazer pela sua alimentação e trabalhar nos ofícios desde que «

⁵³ - 1º caso: « O rústico é supersticioso, e abusa das criaturas com inércia, ou malícia, entendendo ser nelas mistério, o que é Natureza»(p. 7). 2º caso: « A pessoa do povo, que observar o Eclesiástico instruído com esta erudição, não tardará a perguntar-lhe os arbítrios de melhorar sua agricultura, e a razão das cousas, que só tiver aprendido acerca da Natureza por fora dela e por costume»(7)

⁵⁴ - Ob. cit., p. 8.

⁵⁵ - Anote-se na semelhança com o pensamento fisiocrático: a terra a mãe e fonte de toda a riqueza. Por outro lado também na visão fisicoteológica da natureza, apontando o exemplo e conselhos de São Basilo e suas palavras sobre a observação das obras da natureza, consideradas o « grande espectáculo» ou o espelho da grandeza de Deus. Cfr.- p.11.

evite o torpe lucro». Neste ultimo caso está : « *o negócio mercantil, em que há abusos*», sendo por isso interdito a Clérigo⁵⁶. O que não deixa de ser curioso nesta interdição é o facto de ela não se aplicar a toda a actividade mercantil, como mandava a tradição, mas apenas ao comércio em que há abusos. Como documentam as suas palavras, por abusos devemos entender quando há *torpe lucro*⁵⁷. Seriamos assim tentados a concluir que Cenáculo distingue entre o que os franceses designavam « *doux commerce*» e o comércio feito com objectivo de enganar e obter ganhos exagerados. Dito de outra forma, e certamente de acordo com a sua visão económica, a crematística era condenável para todos e por isso também o era para os padres e ao contrário a económica e as actividades económicas eram de louvar e fomentar. Contudo esta condenação do lucro acaba por constituir um ponto de referência fulcral para integrarmos as suas ideias económicas nas visões tradicionalistas, ou seja anticapitalistas, mas abertas às novas realidades da vida económica e por isso aceitando os lucros moderados .

Além de antídoto contra a ociosidade, o estudo físico permitirá ao eclesiástico distinguir entre o milagre e o efeito natural e combater a magia⁵⁸. As referências às diversas áreas de conhecimento físico – a astronomia, a medicina, a Botânica – demonstra uma total abertura as inovações científicas e uma total adesão ao novo paradigma, ou seja, o conhecimento obtêm-se com observação, experiência e leitura dos textos. Mesmo relativamente aos textos sagrados o que o estipula é uma exegese rigorosa e de acordo com as novas descobertas. Assim com o estudo médico os párocos além de dilatar a sua caridade ao serem úteis aos a seus fregueses com ele « *saberá explicar o devoto Sacerdote as curas milagrosas, e o poder das alegorias em muitos Textos Bíblicos*»⁵⁹. As luzes adquiridas pelo pastor devem ser postas ao serviço da comunidade⁶⁰. Assim tudo o que aprendeu nos livros sobre agricultura, deve servir para a fomentar : «... *copioso, por*

⁵⁶ - Ob. cit., p. 14.

⁵⁷ - Infelizmente o texto não é claro quanto a ideia de lucro. Ficamos com a dúvida se o autor condena todo o lucro, ou se, o que nos parece mais plausível, condena apenas o lucro excessivo. Estaríamos assim, neste segundo caso, perante uma certa abertura ainda que moderada ao sentido crematístico da actividade económica.

⁵⁸ - Idem, p. 17-18.

⁵⁹ - Ob. cit., p. 40. Na medicina defende o estudo da Anatomia como meio de emendar a « medicina abstracta» , idem, ibidem.

⁶⁰ - « *Passa depois a fazer úteis suas luzes, porque é um Eclesiástico amigo, e consolador dos povos*».

uma e outra lição, e refeito dos documentos sobre a bendita agricultura; penetrado também das forças que ela é dotada, não há instante, em que não aconselhe a prática desta inimiga do ócio, deste nervo dos Estados, desta feliz ocupação para benefício, e contentamento dos homens»⁶¹.

Os elogios à agricultura, que é também encarada como fonte de virtude na sequência do agrarismo de raízes clássicas, permitem-nos concluir que ela é encarada como a base da riqueza e prosperidade do estado. Mas além desta valorização do trabalho agrícola e de pretender que os pastores estejam bem informados e conhecedores de tudo o que lhe diz respeito, Frei Manuel vai ainda mais longe ele quer mesmo pastores que aceitam as novas invenções técnicas e que até sejam eles próprios inventores para melhorar a vida humana: « Sua sagacidade o faz inventor de concertadas máquinas para adiantar a mão de obra, e para multiplicar dias em poucos instantes, fazendo vencer em breve tempo o que o mero braço levaria sobejas horas. Esta prenda o supõe hábil na mecânica, e outras especies de Matemática»⁶². Nas sugestões bibliográficas, que indica no final, importa reter o grande e variado leque de propostas e a indicação de livros de Modernos naturalistas, a par dos Padres da igreja, sobretudo São Basílio, e da própria Sagrada Escritura, fonte inesgotável de ensinamentos no campo físico. Entre outros “modernos” cita os trabalhos de Reaumur, Buffon, Gessner, Josefa de Amar, este último sobre o papel dos curas no ensino agrícola.

3. As preocupações socio-económicas na pastoral.

Perante o manancial de ideias reformistas defendidas, ficamos de algum modo desencantados com as poucas iniciativas do bispo em matéria económica. Este desencanto, contudo, é fruto da nossa visão sobre economia como conhecimento científico e portanto despida de considerações morais. Mas a concepção de Frei Manuel do Cenáculo, e genericamente da nossa ilustração em finais do Antigo Regime, era bem diferente. A sua ideia era ainda “económica”, portanto a tradicional. Ora neste campo a

⁶¹ - Ob. cit., p. 44.

⁶² - Estas últimas, a mecânica e a matemática, deram ao « estado riqueza» e possibilitam combater a ociosidade nos povos. Ob. cit., p. 45.

virtude, o bem ser, era imprescindível para o bem estar. Não podemos exigir que as estruturas mentais sejam no século XVIII as mesmas do século XX. Em nossa opinião grande número de investigações sobre pensamento económico pecam por anacronismo: à força de procurar sistemas e teorias modernas ou progressistas, esquecem efectivamente quais eram as ideias dos homens e os contextos sociais em que elas se formaram. Por isso as realizações concretas e nomeadamente a acção pastoral do bispo de Beja está repleta de realizações e iniciativas com nítido pendor reformista. Mas como reagiu o Bispo à miséria e até à fome que periodicamente assolava a diocese alentejana? Propôs algumas reformas do tipo de distribuição de terras? Não poderia ter ido mais longe na denuncia destes males sociais?

Percorrendo os numerosos textos manuscritos que compõe o seu espólio, não encontramos nenhuma denuncia frontal relativamente à má distribuição das terras. Encontramos contudo uma preocupação constante com a miséria e a doença. As visitas pastorais feitas e que foram muitas durante o episcopado em Beja, revelam essa preocupação. Com base nos documentos recolhidos, essencialmente no *Diário* do bispo, e feitos em grande parte pelo seu secretário contabilizamos 14 visitas pastorais a diversas localidades entre 1778 e 1794. Em todas a esmola está presente. Frei Manuel gastou rios de dinheiro com os pobres, socorreu órfãos e viúvas, deu emprego a jovens desamparadas, a gentes das localidades que ia visitando. Logo na primeira que fez à maioria das terras do bispado gastou 945\$430, o equivalente a 38 vezes o rendimento médio anual de uma família de trabalhadores rurais da paróquia de Santa Margarida do Sado. A esmola tinha nas sociedades pré-industriais um lugar constante e quase diríamos de privilegiado⁶³. O auxílio ao pobre, ao órfão e a viúva era, como se sabe encarado na época feudal, como obrigação do cavaleiro e portanto uma questão que andava associada a honra. Por outro lado, um dos ensinamentos evangélico, que fundamentavam a esmola: *daí sem nada esperar em troca*, colocam-na nas antípodas da usura e do juro. Ela transforma-se deste modo num dos elementos básicos das estruturas mentais dos homens

⁶³ - Correndo o risco de anacronismo podíamos dizer que ela tinha o lugar semelhante ao que os subsídios à produção tem nas sociedades industrializadas. Com efeito constituía um remédio momentâneo para a miséria e como tal era defendida não apenas por teólogos ou moralistas, mas também por homens de Estado (veja-se Pina Mamique, ou Mordau) e memorialistas.

das sociedades feudais e de Antigo Regime. Como tem insistido alguns estudos recentes mais do que pretensos avanços capitalistas, como a ideia de lucro, ou o juro, o que caracteriza as antigas sociedades é a ajuda a « *antidora* » : a retribuição de um dom ou benefício recebido e que tinha horror à formalização jurídica ou legal⁶⁴. Não quer dizer que a ajuda seja descomprometida ou sem objectivos de interesse pessoal , como demonstrou exemplarmente o pai da economia política.

Quanto a questão agrária, um dos primeiros a denunciar frontalmente a má distribuição da propriedade no Alentejo foi o Chantre de Évora, Manuel Severim de Faria, que propôs a colonização do sul pelas populações do norte. A situação em finais do Antigo Regime continuava idêntica a do século anterior, tal como constatou o pároco de Santa Margarida do Sado no cálculo de « *Aritmética política* » que o bispo lhe pediu. Santa Margarida era uma das freguesias mais pobres da diocese , por isso, a iniciativa de Cenáculo demonstra a sua preocupação pela situação económica dos camponeses e como homem das luzes pretende o conhecimento real da situação, ou seja a linguagem dos números⁶⁵. Merece por isso uma análise. Trata-se de um mapa estatístico onde o pároco, P. António Farto, faz o cálculo das produções e as despesas em três anos seguidos: 1785, 86 e 87, apresentando uma estimativa anual com base nos dados desses três anos, como nos explica na introdução⁶⁶. As receitas e despesas anuais calculadas podem ser resumidas no seguinte quadro:

Receitas em géneros	Valor em dinheiro (reis)		Despesas em Géneros	Em Dinheiro	
	Cada	total		cada	total
3000 alqueires de trigo.	320	96:000	Rendas-Trigo-2058 alqueires	320	658:560.

⁶⁴ - Veja-se o recente estudo de Bartolomé Clavero, *La grâce du don. Antropologie catholique de l'économie moderne*, Paris, Albin Michel, 1996.

⁶⁵ - A preocupação pelo rigor científico, pelo numérico e até pelo cálculo estatístico está bem presente em diversos documentos do seu espólio bibliográfico. Anotamos por exemplo no cálculo rigoroso das despesas durante as visitas pastorais e que constituem importante fonte para o estudo da conjuntura económica.

⁶⁶ - « *Calculei as produções úteis., e todas as despesas anuais de três anos sucessivos; e divididas em três partes iguais: eis aqui o que resulta duma delas; que vem a ser: o calculo do interesse, e despesa, que em cada nano de per si faz esta freguesia* ». BPE, COD. CXXX/2-19, *Calculo...*, 1fl.

10800 alq. de cevada.	200	2160:000	Cevadas- 2716	200	543:200
600 alq. de Feijão	300	180:000	Pensões dos montados	-	478:800
100 Báculos	1600	160:000	Dízimos	-	510:000
30 Bezerros	4:000	120:000	Décima	-	100:000
600 Chibos	400	24:000	Sisa	-	60:000
600 colmeias	900	540:000	Coudelarias	-	30:360
12 Montados	-	760:000	Conhecenças dos Moinhos.	-	19:200
Legumes	-	-	Sustentação do Pároco, e fábrica da freguesia.	-	200:000
Totais	-	5100:000	-	-	2608:760

Em recapitulação conclui o cura: « *os interesses montam a 5100:000, as despesas montam a 2608:760 (..). Sobra a quantia de 2491:240, que repartidos por 100 fogos de que consta esta freguesia se vê pertencer a cada casal a quantia de 24:912*». Apesar das incorrecções, como o erro dos cálculos, que não sabemos se ficaram a dever à ignorância do cura se ou pouco zelo do copista, a verdade é que eles nos fornecem uma ideia da situação de miséria em que vivia a população rural da freguesia. O facto é também apontado nas observações finais atribuindo a miséria popular à falta de terras próprias para cultivar, bem como o absentismo e peso excessivo dos tributos⁶⁷.

Cenáculo estava assim bem informado sobre esta situação socio-económica, para a denunciar, mas não foi esse o caminho seguido. Homem do poder desde o tempo de

⁶⁷ - « Se este é o mesmo estabelecimento de todas as povoações, não pode o estado ser muito feliz; por q.(to) é certo q. estes casais nem todos vivem na mesma pobreza, e abundância; uns vivem mais pobres e outros mais abundantemente: ora se nos somos obrigados a conceder q. o casal mais pobre, de menor família, e de menor pensões não pode certamente sustentar-se pelo espaço de um ano com a tenuidade de 24:912 “ q. lhe cabem; q(to) mais o teremos quando reflectimos: q. esta tal ou qual abundância de uns há-de precisamente sair de outros: isto é : hão-de uns ter muito menos de 24:912 p. outros poderem ter mais: esta pobreza não admira quando se observa, q. entre 27 tais, ou quais herdades de que consta esta freg. Só uma , a metade de outra, e a quarta parte de outra são fabricadas por seus donos; e todas as mais são arrendadas excessivamente caras a pessoas de fora; ficando só metade na freguesia de todas as suas produções – 200:000 – q. pertencem á Igreja: eis aqui sem duvida o que contribui p. q. a freguesia

Pombal, continuou a sê-lo no tempo de D. Maria. As reformas deviam fazer-se de forma paulatina e respeitando o status quo social. Para ser inovador não era necessário fazer revoluções, era apenas necessário mudar o coração dos homens.

No mesmo campo de interesse em conhecer a realidade económica dos diocesanos, devemos incluir a colaboração do bispo com o governo e especificamente com o Intendente Geral da Policia, Diogo Inácio Pina Manique em alguns dos seus empreendimentos de cariz nitidamente reformista e de intervenção na realidade económica e social. A primeira, relativa ao movimento demográfico, e que tinha já um antecedente noutra feita antes da entrada no bispado e para toda a diocese⁶⁸, foi relativa á evolução demográfica na Comarca de Beja, entre 1781 e 1786.⁶⁹ Nela se enumeram os óbitos, nascimentos e casamentos e o número de eclesiásticos em cada uma das freguesias da comarca⁷⁰. A colaboração do bispo neste levantamento é mesmo solicitada em carta do Intendente datada de 27 de Março de 1787, onde lhe diz que para executar as reais ordens de Sua Majestade precisa que todos ao párocos da diocese lhe mandem as certidões de óbitos, nascimentos e casamentos e como muitos o não fizeram pede-lhe que

seja tão pobre como na verdade o é». (ob. cit.).

⁶⁸ - Cfr. BPE, COD. CXXX/2-16 - « *Rellação do Numero de Pessoas de Confissão, que tem as Freguezias deste Bispado de Beja , Segundo os Roes dos Confessados na Quaresma deste Anno de 1775, que se achão registados nesta Camera Ecclez^a.*» Rascunho contabilizando o total: 63124 almas. Numero por freguesia, a começar em Beja e seu termo e a terminar com a Vila de Aguiar. Doc. datado de Beja, 6 de Julho de 1775. Cfr. Ob. cit.

⁶⁹ - « *Rezumo dos Mappas q, se fizerão no Juízo da Provedoria da Comarca de Beja, dos Individuos q. morrerão, nascerão, e casarão em cada huma das terras da Repartição della, em os annos de 1781 athe ao de 1786 inclusive; assim como das pessoas se achão no estado Eclcz. Secular e Regular, e tem tomado ordens: pelo qual rezumo se mostra , o Numero de individuos , e Pessoas, de cada hum dos ditos annos e o total de todos*». Feita em Beja a 16 de Maio de 1787. Ver também no mesmo código: « *Mapas da População da Cidade de Beja e seu Termo dos annos de 1781 athe 1786 inclusive. Remetidos para a Intendência Geral da policia da Corte e Reyno, pelo Juis de Fora da mesma Cidade Bernardo de Abreu Castelbranco, em 5 de Maio de 1787*»(8 fls. Dados numericos do mov. demográfico por freguesia: nascimentos (masculinos e femininos), Matrimónios, Falecidos (m/f).Segue-se o *Mapa das Pessoas que tomaram Ordens, E das Pessoas que nos mesmos annos se destinarao ao Sacerdocio e tomarão Ordens com indiviuiação e das que entraram nas Relligioens, com as respectivas naturalidades, filiaçoens e idades*»(fl.1v).

⁷⁰ - Limitamo-nos a indicar aqui os totais apresentados na cópia que ficou para uso bispo:

1781/86	Óbitos	Nascimentos	Casamentos	clérigos
total	2.689	2.708	736	51

os obrigue a fazê-lo⁷¹.

Contudo alguns testemunhos dão conta de uma acção mais concreta do prelado na tentativa de melhorar a situação dos camponeses e da agricultura. Referimo-nos a dois casos: o arroteamento de terras e a colonização. Quanto ao primeiro, informa-nos o Intendente da agricultura, Luis Ferrari Mordau, que teve o auxilio do prelado de Beja, com as « *Patrioticas exortações*», para incitar os agricultores a procederem a arroteamentos de « terras de matos»⁷². Mordau apresenta uma lista de « rompedores» de diversas freguesias das comarcas de Beja e Ourique, totalizando 476 proprietários que pocederam aos referidos arroteamentos. Dessa lista fazem parte 15 clerigos, o que também nos mostra como também eles aderiram à iniciativa e às instruções pastorais do prelado que os incitava para se dedicarem ao trabalho agrícola e a fomentarem as inovações.

O segundo caso foi também em colaboração com a autoridade central e recuperou a ideia de colonização do Alentejo tão cara a Severim de Faria. Podemos seguir as *demarches* para este processo, através da correspondência mantida com Pina Manique o principal responsável pela iniciativa. Conforme a carta datada de 19 Junho de 1787, o Intendente revelou ao bispo de Beja que pretendia receber alguns habitantes das ilhas dos Açores para habitarem e trabalharem nas Herdades e Montes de Beja, que se achavam sem lavrador. Os ditos receberiam ainda auxilio em ferramentas e sementes nos primeiros três anos. Comunica-lhe a decisão de pedir ao Provedor da Comarca uma relação das herdades, que se encontravam de cavalaria e dos montes sem lavrador, com o objectivo de obrigar os donos ou seus rendeiros a fazer as obras necessárias para os tornar habitáveis no prazo de Três meses. Caso não o fizessem no prazo referido: « ... *o mandar fazer a custa deles fazendo-lhe sequestro dos rendimentos)para o pagamento de todas as despesas, e de tudo me dar conta*»⁷³. Portanto pedia ao bispo para orientar e dirigir todas as acções para instalação dos casais. Pedia ainda ao Provedor a lista das casas humildes,

⁷¹ - BPE, Cod. CxxVII/1-7 fl. 136. Veja-se Armando Nobre de Guzmão, *Catálogo da Correspondência dirigida a D. Fr. Manuel do Cenáculo*, Évora, 1944-1948, vol. II, pp. 75.

⁷² - Luís Ferrai Mordau, *O despertador da Agricultura de Portugal (...) Anno de 1782*, in Moses AMZALAK, *O despertador da Agricultura de Portugal e o seu autor, o Intendente D. Luiz Ferrari Mordau*, *Revista do Centro de Estudos Económicos*, nº 11, 1950.

⁷³ - BPE, Cod. CxxVII/1-7 fls. 141- 144. Veja-se Armando Nobre de Guzmão, *Catálogo da Correspondência dirigida a D. Fr. Manuel do Cenáculo*, Évora, 1944-1948, vol. II, pp. 71 a 79.

devolutas existentes na cidade de Beja e arredores, que pudessem ser habitadas « *para com esta certeza poder regular o numero, q. hei-de mandar dos mesmos Casais*»⁷⁴. A vinda de um primeiro contingente é confirmada em carta do Intendente datada de 11 de Julho de 1787 e também em documento de seis folhas existente no espólio do bispo, que é uma lista de 95 famílias vindas dos Açores, que desembarcaram em Setúbal e destinados às herdades de Beja. Nessa lista referem-se os componentes de cada agregado familiar, o seu nome e idades, totalizando 387 almas⁷⁵.

Seguiu-se a colaboração no levantamento estatístico feito na comarca a mando da Junta do Comércio no ano de 1788⁷⁶. O mapa tem a particularidade de nos fornecer mais uma vez a prova do interesse do bispo bejense por iniciativas deste tipo, dado que nele se menciona expressamente ser para uso exclusivo do prelado.⁷⁷ A minúcia dos dados apresentados, bem como o leque variado dos itens inquiridos constituem prova mais que suficiente para comprovar o interesse reformista desta iniciativa. A época era de inventários rigorosos bem de acordo com o espírito da Academia. Continuando a seguir a correspondência dirigida a Cenáculo deparamos com esse mesmo sentido indagador característico dos nossos memorialistas, a par da curiosidade científica por todos os domínios do conhecimento. Um bom exemplo são as cartas que Domingos Vandelli dirigiu ao bispo de Beja. A primeira datada de Coimbra de 22 de janeiro de 1775 em que lhe envia uma medalha hebraica de Moisés e três talismãs (estes mais modernos).

⁷⁴ - Ob. cit., fl. 141.

⁷⁵ - « *Cazaes que se Conduzem de Setubal por Alcacer para a Cidade de Beja vindos da Ilha de Sao Miguel*», BPE, Cod. COD. CXXX/2-16, 6 fls., s/d.

⁷⁶ - Cfr. COD. CXXX/2-16, « *Mapas das Herdades, e Nomes das Freguesias do termo da Cidade de Beja, com suas denominaçoens, Senhorios, Collonos, Habitaçoens, Cultura, Agoa, Arvoredos, Produção do pres.(e) anno, Gados de Siense(?9) e outros, e total da População, Contr(e) o Rollo dos Confessados e dizimos que os mesmos satisfizerão no d. anno, segundo as declarações feitas pelos respectivos Parochos, Juizes das vintenas, e mencionados Collonos dos quaes muitos vierão a minha presença, Escrivão de Dizimos deste Bispado, Dizimeiros chamados de Miunsas; q.(to) a senteio e milho para os Mapas forão extraídos de outros particulares, Cartas e Certoens de todos os Sobreditos e que ficão em meo poder: Feitos em observancia do Off. expedido pelo Desmbargador Gervasio de Almeida Paes emcarregado dessa diligencia pela Provisão do tribunal da Junta do Comercio, Agricultura N. na data de 7 de Agosto do mesmo anno pelo Dr. Juis de Fora da mesma cidade. Bernardo Abreu Castelo Branco*». Dados respeitantes ao ano de 1788 e datados de 30 de Dezembro.

⁷⁷ - Antes do mapa: « *Para uso do Ex. mo e R. mo Sr. D Frei Manoel do Cenaculo Villas Boas do Conselho de Sua Magestade Fidellissima que Deos guarde, e Bispo de Beja*», Ob. cit. Com base

Acrescenta notícias sobre os seus trabalhos académico, as aulas de História Natural e o Laboratório Químico e que está a proceder a um inventário das moedas romanas e gregas existentes na Universidade, prometendo enviar um duplicado ao bispo. A segunda, mais interessante para o tema que tratamos, é datada de Lisboa, 6 de maio de 1787 e nela Vandeli comunica-lhe que está a fazer uma História da agricultura portuguesa, juntamente com Joaquim António de Sá, e como para isso precisa de obter dados através de inquéritos aos lavradores do reino, pede ao colaboração: « ...sabendo quanto V. Ex.^a. estima, e considera interessante a Agricultura; espero q(e). V. Ex.^a. quererá favorecer, e contribuir a este trabalho, fazendo entregar aos melhores Lavradores do seu Bispado as inclusas Perguntas, e fazer-me remeter as respectivas respostas»⁷⁸.

Não é possível comprovar se o bispo respondeu a esta solicitação, mas no seu espólio existe um inquérito dirigido aos párocos da Comarca de Ourique onde se nota a preocupação pelo rigor da situação dos trabalhadores agrícolas, aliada neste caso a simplicidade do questionário. Nele sobressaem preocupação pela população, em concordância com o pensamento populacionista: das sete questões, três são dirigidas à situação da população: uma para perguntar as doenças graves, outra para saber do aumento ou diminuição e outra para a migração. Os restantes itens prendem-se com o número de herdades existentes (1º); o tipo de lavra que é feito em cada uma deles: se só por um lavrador ou por mais que um, em « *regime de cavalaria*» (2º); quando e a que se deve o tipo de trabalho «*em cavalaria*», se é por causa da miséria dos pequenos, em resultado da esterilidade dos anos, ou por ambição dos grandes proprietários (3º) e, 4º, « *Se esta esterilidade tem nascido da irregularidade do ano, se da falta de gado para cultivar, e estrumar as terras, e se esta falta procede de mortandade dos mesmos gados, ou das vendas que deles tenham feito os Lavradores para se remirem*». ⁷⁹ A novidade do Inquérito, para o qual não encontramos nenhuma resposta, está sobretudo nesta tentativa de encontrar explicações para a miséria e ruína dos agricultores, dando a entender que se

no « *Mapa geral ou resumo dos Mapas*», apresentam-se os dados numéricos finais para Beja e seu termo: A População – 14.160 (7.059 homens, 7.101 mulheres).

⁷⁸ - BPE, Cod. CXXVII/1-7, fl. 262

aponta a esterilidade dos anos como razão de fundo, mas também diagnosticar as razões dessa esterilidade: condições climáticas, falta de gado provocada pelas doenças e a consequente falta de estrumes e o endividamento dos pequenos lavradores.

Dotado de tantos dados numéricos, mapas estatísticos, inquéritos sobre o movimento demográfico, a par do seu interesse pelas novidades em todos os domínios, o bispo de Beja dispunha de uma situação privilegiada para ser o mentor de outras iniciativas concretas para incrementar a inovação no trabalho agrícola. Pensamos nas Sociedades económicas ou dos Patrióticas da Agricultura e dos Amigos do Bem Publico, como as que se estabeleceram em Ponte de Lima e Elvas. Isso mesmo pensou o Abade Correia da Serra que o incitou a ser o promotor de uma Sociedade Económica para Beja. A proposta foi-lhe apresentada em Carta datada de 19 de Junho de 1781. Evocando o conhecimento de Cenáculo na matéria: « V. Ex.^a conhece os estabelecimentos das Sociedades Patrióticas para aumento da agricultura e das artes, todos os países da Europa as tem, em Castela sobretudo, em quase todas as cidades grandes, só em Portugal ficavam por fundar (...) atrevo-me a propor a V. Ex.^a a erecção de uma na sua diocese, aonde ela pode ser da maior utilidade»⁸⁰. Além de apontar os bons exemplos das que já existiam – Ponte de Lima e Elvas - transmitiu-lhe o apoio do Duque de Lafões e da própria corte. Ofereceu também o apoio institucional da Academia e ofereceu-se mesmo para lhe remeter os planos de sociedades existentes no estrangeiro: França, Espanha e Itália. A proposta parece ter caído em “saco roto”. Isso mesmo se deduz de outra carta em que o Abade se mostra impaciente com a falta de resposta: « Aguardo com impaciência as noticias que Vossa Ex.^a me faz esperar das suas tentativas para uma Sociedade Patriótica de Agricultura nessa Diocese. A de Elvas vai com ardor e a de Ponte de Lima, mandou já várias provas dos seus trabalhos e o Duque lhe fez vir amoreiras de Valença, que agora chegaram a Lisboa e se lhe remeteram».⁸¹

A resposta para a situação económica difícil dos agricultores parece continuar a obedecer

⁷⁹ - BPE, Cod. CXXX/2-16, « Itens a q. os R.(os) Parochos das Igrejas de Campo de Ourique devem responder» (6 fls. 6 cópias do interrogatório). É possível que este fosse o questionário de Vandelli, mas de momento nada nos comprova essa hipótese.

⁸⁰ - Alexandre Guzmão, *Catálogo da correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo*, Évora, 1947, t. II, p. 184.

⁸¹ - Ob. Cit., p. 182. Esta carta não tem data nem local, mas como se vê deve ser posterior a de 1781.

aos paradigmas tradicionais. O combate à miséria faz-se com a esmola, mas o valor atribuído ao trabalho e apoio reconhecido à invenção e inventores pressupõem uma abertura a novas soluções.

4. Conclusões

As ideias económicas de Frei Manuel do Cenáculo, embora se inscrevam ainda num quadro tradicional, em que a economia continua dependente da moral, denotam alguma abertura a um sentido crematístico, como quando defende o « *lucro moderado*», ou a dignificação do comércio e agricultura. Estas ideias reflectem-se na sua acção pastoral, que constitui mais um projecto reformista, onde sobressai a defesa da piedade cristã, uma religião interiorizada e vivida. Religião e instrução são os pilares para o bem ser e bem estar, não apenas das sociedades particulares, como a família, mas também para o Estado. Instrução gradual, conforme os níveis etários, mas também diferenciada, conforme os níveis sociais. Para o povo rústico, o catecismo; para os párocos, os pastores do povo, os conhecimentos científicos actualizados em todos os domínios. O catecismo é a base para o “bom coração”, ou virtude de que fala também o Abade Genovesi e, entre nós, o seu discípulo Correia da Serra. Instruído e religioso, que o mesmo é dizer, contrário à superstição e dotado de virtude, o homem será trabalhador e atrairá a prosperidade, ou como nos diz o Bispo de Beja, tornará a « *Providência propicia*».

Uma questão que se pode colocar é se este “espírito cristão” não é irreconciliável com o bem estar para o maior número; ou colocando a questão noutros termos, o que nos faz regressar às ideias de Mandeville, sem vícios a sociedade não cairia na miséria? A leitura que fizemos das obras do Bispo de Beja, permite-nos avançar com uma resposta de acordo com o que pensamos serem as suas ideias. Para Frei Manuel o vício tal como a pobreza eram naturais ao homem. Tal como diziam as palavras de Cristo, *pobres sempre os tereis entre vós*, também os homens teriam sempre propensão para o vício. Deste modo, sabendo que os vícios e a miséria eram incontornáveis, ou seja, nunca poderiam ser totalmente eliminados, a postura de um homem racionalista, de um verdadeiro filósofo preocupado com a condição da humanidade, era combater esses males e fazer diminuir o número daqueles que eram afectados por eles. Mostrar aos homens o caminho da virtude era também apontar o caminho da prosperidade para as famílias e para o

Estado. Interpretadas deste modo as ideias do Bispo de Beja não estão muito longe daqueles que defendem que os homens, no ponto de vista económico, embora com propensão para o vício, têm todo o interesse em serem virtuosos.